

MANHÃ

DIRECÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO

ESCRITORIO: RUA DA PAZ, N. 7

Anno I

Publicação semanal

Num. 9

Assignat. por mez 500 rs.

Desterro, 23 de Maio de 1886

Pagamento adiantado

Toda e qualquer correspondencia seja dirigida ao nosso escriptorio, acima mencionado.

AVISOS

Tendo-se finalizado, com o n. anterior, a mensalidade de Maio, rogamos aos Srs. Assignantes, que ainda não pagaram, o especial obsequio de satisfazerem as suas assignaturas.

Rogamos aos Srs. Assignantes que, no caso de não receberem os numeros de nosso jornal, como tem acontecido com alguns, nos enviem, por escripto, á rua da Paz n. 7 ou á typographia do «Jornal do Commercio, as suas reclamações, a fim de evitar difficuldades aos proprietarios d'esta folha.

Errata

1.^a columna da 1.^a pag., no 1.^o aviso—obsequio em vez de obsequo.

3.^a columna da 1.^a pag.—Aloysio Pauliceu em vez de Eloysio Pauliceu.

3.^a columna da 2.^a pag.—intervallos em vez de entervallos.

1.^a columna da 4.^a pag.—

ajunte-se as iniciaes—A. J. M. C.—como assignatura ao escripto do album de homens illustres no busto de Alexandre Herculano.

COLLABORAÇÃO

Origem da Idéa Nova

(Continuação do n. 8)

Para provarmos que a origem da chamada—*Idéa Nova* está, justamente, na influencia de Victor Hugo e Balzac, basta compararmos os poemas de Guerra Junqueiro com os de Hugo, e os romances de Eça de Queiroz com os de Balzac.

Guerra Junqueiro segue a trilha feita pelo grande poeta, desprendendo-se, como este, da orthodoxia da nova escola romantica: é um verdadeiro poeta romantico caminhando para o realismo, representando a transição da referida escola para a realista, que ainda não é um facto.

Já o dissémos:—*Natura non facit saltum.*

Leiam a *Morte de D. João* e a *Velhice do Padre Eterno*, e encontrarão ahi muita phantasia, muita cousa que é puro romantismo, muita exaggeração, muita falta de verdade e de realismo!

No primeiro poema só se vê o podre, o infame, o horrivel; no segundo, o ridiculo sobre o dogma da existencia de Deus,—fundamento de todas as religiões, inclusive do catholicismo, que é incontestavelmente uma religião civilizadora, acatada pela philosophia moderna.

Semelhante mania, diz o Sr. Ennes, tem irradiado para fóra da França, creando em meios inteiramente desfavoraveis uma litteratura de imitação que não pensa nem sente, absorvida pelo empenho de architectar um dito; e que reduz a sua tarefa a criticar os costumes e as personalidades, e por vezes até o que mais deve ser respeitado, para ter mais ensejos de empregar os chistes, por vezes laboriosamente procurados ou arremendados.

Os homens da *Idéa Nova* não podem, pois, insultar aos classicos nem aos romanticos, sob pretexto de serem estes imitadores; porque os taes genios tambem imitam.

Não podem, outrosim, ridicularizar aos romanticos, porque elles o são desmesuradamente.

Contentem-se, portanto, com lhes chamarmos o *crepusculo matutino*, prenuncio do sol do verdadeiro realismo.

Respeitamos muito ao Sr. Guerra Junqueiro, mesmo aos mancebos da *Idéa Nova*; porque enxergamos n'elles um delirio semelhante ao que annuncia a virilidade.

Respeitamol-os, porque, observando, prestam um serviço á causa do progresso litterario: são instrumentos providenciaes, o logico do que ha de prender o puro realismo á escola romantica, que ainda não morreu.

Assim nos respeitassem elles! Chamam-nos *fosseis*, *rhetoricos reles*, *chapistas*, etc., etc.

Mas tem direito á nossa compaixão: não sabem o que dizem. Falta lhes um *mentor*. Que dizemos nós!

Elles tudo sabem: sem nada es-
tudarem, ensinam aos velhos!
São crianças, e teem mais juizo
que qualquer Mathusalém!!

Oh! estulho patronato!
Oh! louvores mutuos!
Oh! pedantismo!
Oh! vaidade!
Oh! loucura.
Derrubam a divindade, e que-
rem ser adorados!
Detestam o mytho, e adoram o
mytho, forjando fabula, hyperbo-
les e monstruosas ficções!

ALOYSIO PAULICEU.

(Continúa)

Publicamos abaixo a inspi-
rada e alta poesia da Exma.
Sra. D. Delminda Silveira de
Souza, excelsa poetisa por nós
mui conhecida e applaudida.

Agradecendo a amabilidade
de S. Exa. em remetter-nol-a,
diremos que as producções poe-
ticas ou em prosa de sua varia-
da e fecunda intelligencia não
só causam—nos immenso pra-
zer em publical-as—como ainda
veem dar um brilho real ás mo-
destas columnas do nosso jor-
nal.

Vesper

Oh mystico fanal,
Oh meiga filha da sandosa hora,
Vem beijar a cecém que te namora
Do lago no crystal!

Brilham do prado os lumes,
Perpassa a brisa merencória e grata,
Abrem no val'caçoulas d'ouro e prata
A derramar perfumes.

Nos plainos, nas quebradas.
E sobre o leve azul das ondas mansas
Já sóla a triste noite as negras tranças
De perlas eunastradas.

Vem, astro risonho,
Confidente gentil dos meus amores:
E' bella a noite, e eu quero em teus fulgôres
Haurir meu doce sonho!

Lá surge alfim do monte
A meiga fada que sorri no lago;
Seu brando raio em carinhoso affago
Já vem beijar-me a fronte!

Oh doce e meiga diva,
Mensageira divina da esperança,
Tu que trazes aos nautas a bonança.

—Traz-me a ventura esquiva!
Desterro.

DELMINDA SILVEIRA

Album de homens il-
lustres

VISCONDE DE ALMEIDA GARRET

A' ALMEIDA GARRET

A. Garret não morreu...
Existe na personalidade litte-
raria.

Qual Phidias reerguendo o
Parthenon, externa o exornado
pensamento da profundeza de
seu genio; e o esculptura na
magestade e donaire de um pri-
meiro estylista.

Pertence aos fastos da Histo-
ria que já o estampou no livro
dos seculos.

Homenagem a aristocracia do
talento, ante a alterosa pers-
pectiva de seu volto traduzindo
todos os dons que a intelligên-
cia encerra.

Desterro, 4—11—84.

L. S. Reis.

ADOLPHO THIERS

A MEMORIA DE THIERS

Hercules do seculo, ideador do futuro
Morreste para o mundo e foste prematuro.
D'essa mesma escuridão onde jazes sepultado
Linda chispam raios fortes d'essa grande li-
berdade
Q'teu talento falaz na grande França encetou.
Não parou sómente lá, nem ao Sena mergu-
lbou.
Percorre hoje o mundo inteiro da liberdade
um só grito
A gratidão d'este mundo, para ti o infinito

Etoile que après eteinte
Brille encore au cœur français
Ta loyauté, ton grand cœur
Ne s'oublieront á jamais.
Tu as su oublier tout
Même la propre confiance
Em méprisant tes croyances,
Tu as voulu sauver la France.

E. BLUM.

Jornaes recebidos:—*Idéa*,
Journal do Commer-
cio, *Regeneração*, *Tri-*
buna Popular, *Com-*
mercial, *Fecho Lagu-*
nenses e o n. 16 da *Ma-*
traca de 19 do corrente.

Recebemos tambem o n. 1.
do *Independente*, jornal
noticioso, mentro-politico e cry-
terioso, que passará a ser pu-
blicado em Tijuca tres vezes
por mez.

Agradecendo a todos con-
junctamente, desejamos ao no-
vel collega uma duração e feli-
cidade longas, ficando-nos, es-
peramos, o prazer da permuta.

Tiroteios

Irribus! Que casmurro!

Sempre julgamos que o ama-
vel revisor da—*Manhã*, tomasse,
com os *balaios* que recebeu de
nossos *tiroteios* passados, uma
certa dose de... de... estimulo, e
nos apresentasse o seu n. 2º com
todo o esmero, *ganz fein*, sem a
menor lacuna e livre de todo e
qualquer *pastel*.

Mas... trabalho perdido; pois si
as erratas e emendas teem-se tor-
nado, para o nosso jornal, mate-
ria chronica e epidemica, mais
terrivel e amoladora do que ou-
tra qualquer epidemia!

Ah! Fosse cousa que a medi-
cina offercesse um meio de cura-
tivo, e teria-mos já, por mais de
uma vez, visto os semblantes dos
Inspectores da Hygiene assoman-
do á porta da Typographia a per-
guntarem:

Sr. Revisor, temos *febre-typo-*
graphica-pastelosa!?

Infelizmente, porém, é moles-
tia que se acha fóra do campo
medico-cirurgico e só uma boa
poção de paciencia e attenção
poderá encaminhar o doente (jor-
nal) a um completo restabeleci-
mento.

Deixando d'hoje avante ao cui-
dado do Sr. Revisor o meio de ex-
terminar a *peste* que desde o n. 2
tem assolado as columnas de seu
jornal, dir-lhe-emos que até hoje

temol-o tratado a *balinhas doces e assucaradas*, mas que é necessario notar que a tolerancia do homem tem os seus limites.

Assim—*quem avisa meu amigo é.*

Agora é que são ellas...

Hoc opus, hic labor est...

Da steckt der Knoten, como dizem os allemães...

Ai! não sei como principiar...

Tremem-me as pernas.... suam-me os calcanhares.... arripiam-se-me os cabellos...

E isto, caros leitores, por achar-me envolvido em um bom cesto de *cavaquinhos à Cornelius!*....

Uf!... tomemos a respiração e um bom *golito de cognac* para restabelecer as *forças, o estomago e a intelligencia*....

Ah!.. ah!.. que já sou outro homem!...

—Abençoada bebida, Deus te dê muitos annos de vida...

Com que então, carissimo e amicissimo *Cornelius*, destes-vos ao trabalho de occupar columna e meia da *Manhã* com o por demais humilde nome do vosso patricio e menor creado—*Barriga-Verde?*!

Crede-me, porém, amavel *Cornelius*,—fizestes-me soltar um *ah!* de surpresa, elevado ao ultimo grão de admiração!

A tal ponto, pois, chega o vosso despeito com o pobre misero do *Barriga-Verde* que o mimoseaes com os epithetos de—*carola e frequentador do mez mariano?*!

Estaes, assim, tão mal informado á respeito de suas crenças religiosas?!

Pelo simples motivo de ter elle defendido o ecclesiastico, por entender que o padre tinha e teve toda a razão para admoestar moços que foram de encontro aos costumes adoptados na igreja, merecerá que se o baptise de *beato, santeiro, carola* e, etc.. etc?!

Então, meu amavel *Cornelius*, si eu for o defensor de um ladrão, de um assassino, de um sapateiro, de um ferreiro, de um carnicheiro, segue-se d'ahi que eu seja—*ladrão, assassino, sapateiro, ferreiro, carnicheiro*, etc., etc., etc?!

Ai, meu *Cornelius*, quanto sois mão!...

Além disso, meu amigo, a questão foi entre o sacerdote e os jovens, e jámais neguei nem negarei que não esteja o nosso orbe terraqueo *atopetado, até os polos*, de *hypocrytas*, isto é, de pessoas que, debaixo da mascara da religião e acobertados com a capa de irem todos os dias á missa rezarem os seus rozarios, deixem de ser os maiores infames, os mais decididos assassinos e bandidos.

D'esses, meu amigo, conheço eu aos centos.

Isto, porém, nada tem de que admirar-se a gente e de surprehendente, por estarmos, como sabeis, nos tempos em que a infamia, a vil intriga e a perversidade supplantaram a sã dignidade; e quanto á honra—essa, desgraçada, nada vale;—não passa de uma simples mercadoria.

Mas como estamos no seculo das luzes... tudo é luz, tudo é bello...

E voltando ao que mais de perto nos importa—á questão que obrigou-me a sahir da obscuridade em que estava sepultado—, direi ao grande *Cornelius* de nossa éra que tambem entendo que o homem, ante outro homem, deve fallar em pé e bein a prumo, mas que o homem, pelo caso de ser homem, não deve fazer injustiça a outro homem.

Quanto ao seu—*Dominus-Vobiscum* responderei:

Et cum spiritu tuo, meu caro *Cornelius*

E o que me dizem a respeito do tal Sr. meu celeberrimo Ro...mu...al...do?!

Apresentando-se ao publico todo aristocrata, envergando umas boas e finas luvas de pellica, ultimamente tem deitado os manguitos de fóra:—ora procurando scindicar do desaparecimento do fallecido—*Mercurio*, ora ajustando contas com o Sr. Lauro, obrigando-o quasi a vomitar a causa da queda do Gremio Litterario R. Junior, tambem já fallecido, e finalmente aparece-nos poetisando com uns *pregões*, á laia de casamento, todos *nervosos*, como

as planiceis que margeam o Tubarão do Sr. H. Berlink, o nosso commum amigo o Sr. Luiz Pires!

Ah! Sr. Romualdo, Sr. Romualdo...

Ora bolas!

Fosse outro o nosso proceder e já á muito teriamos sido asphixiados pelas camadadas de... tédio atmosphérico, que pairam sobre nossas cabeças.

N'uma capital como a nossa, na qual os prazeres andam em equidade com as aguas do deserto, qual o meio para a completa rarefacção d'essas nuvens de aborrecimento, que nos torna insociaveis, a não ser o entretermo-nos uns com os outros em palestras jornalisticas?

Um dos passa-tempos mais agradaveis e que ultimamente tem estado muito em moda é o—*na... mo...ro*...

Mas este, caros leitores, por ser mesmo um dos mais facéis á abordagem, é o que maiores perigos e abysmos contem.

Si um pobre-diabo tem alguma cousa com que passar e viver, as *mamãesinhas*, isto é, as futuras sogras em figura de mel tratam logo de *agadagnar* o typo, desfazendo-se em *risinhos*, em *delicaduras*, em *amabilidades* e, quando menos pensamos, lá vamos nós *pegados para Judas* para o sabbado da alleluia.

Si, porém, é um estudante, um caixeiro ou um artista que ousa erguer os olhos para a filha de sua mãe, transformina-se o scenario... a velha, o *tinioso* em figura de sogra, pespega-nos uma tremenda *descompostura* e lá um bello dia solta-nos o cacete, de sorte que ahi vêm o estudante, artista ou caixeiro, n'um rolo satânico, pelas escadas ábaixo, com o *cabo de vassoura*, com a sogra e até com o demo!

Eis o perigo dos namoros:

Aos primeiros, porque são abastados, acontece-lhes a desgraça de levarem, muitas vezes, para *sarna eterna*, uma... *trocha*, uma *agua-morna*, envelhecend dias da lua de mel, m' Mathusalem em

Aos segundo, um ver-

das, accresce!

AULICEU.

thetos de — *pelintras, de vagabundos, d'isto, d'aquillo, d'aquil'outro* e... todas essas phrasesinhas na angelical bocca de uma sogra enraivecida.

Por isso, meu caro Romualdo, avante com o vosso meio de entretenimento.

Eu, que já estou na reserva, de vez em quando vos applaudirei; porque, obrigando a esses moços talentosos a desencavarem-se da habitual modestia com que se revestem, fazeis por onde dar momentos de distração ao vosso velho

BARRIGA-VERDE

Desterro, Maio de 1886.

Cavaquinhos

Ora, amigo director, és um pedaço de *cacete*, si não *cacete* inteiro.

Queres, a toda a prova, fazer-me *cavaquear*, e no entanto não te lembras que tenho a penna quasi que algemada, pois que a influencia do inverno, que ahí vem horripilante como o *vomito preto*, abatoou me o intellecto.

E's imprudente!

Comtudo, por meu turno, seja feita a tua vontade, cá na terra, pois no céu quem manda é... Deos.

D'esta vez, porém, eu não busco assumpto por aqui, passo para o continente e vou ver si busco alguns *cavaquinhos* lá pelo Estreito.

Sim; ali houve festa, pandega, etc., e eu, que a ellas compareci, recordando o agradável que ellas me prodigalisaram, hei de, forçosamente, encontrar n'isso elementos para, mesmo bestialogicamente, encher duas ou tres columnas do teu jornal.

Away, pois, como dizem os *bifes* que não são de carne de vacca, mas homens completos como nós.

Tolo!... ignoras o que perdeste.

Palavra de honra: não te con-

que às vezes me esqueço

as garras da fe-

A meiga fa-

Seu brando raijejo: parece

Já vem beto e a can-

dura da voz de uma joven sympathica como... uma namorada, está dando leis e traçando limites à tua vontade.

Como és bom!

Si o teu coração é de assucar, acantela-te, visto que uma chuva de ciumes pôde derretel-o com a mesma facilidade com que a nossa safiva derrete uma... bala de côco.

Eu é que não posso ser assim, em segredo, porém digo: invejote, meu maganão.

Nada: deixemo'-nos de andar a mecher com o coração, que, alegremente, está a *tic-tacar-nos* no peito e que, como optimo relógio que é, só cessará esse serviço quando Atropos, a parca excumungada, que está às portas do inferno, deitar-me a thesoura à vida.

Eu ia dizendo que não sabes o que perdeste em não indo ao Estreito no domingo, 16 do corrente, e ia dizendo uma grande verdade, pois que não pôdes esboçar uma idéa do quanto de apreciavel, de entusiastico fomos, eu e outros collegas, ali encontrar!

Ladainhas, padre-nossos, moças, salvas, rodas de fogo, leilão e, por ultimo, quadrilhas, habaneras, walsas, polkas e mazurkas!

Houve tudo e de tudo houve. Não dancei, entretanto as cordas do meu entusiasmo vibraram herculeamente.

Estranhei até o modo — de — ser do meu *eu*, posto que não deixasse o entusiasmo apartar-se do razoavel, mas ter-se sempre bem orientado.

Não presumas que houve envargamento de braço; não!

Um tanto mais devagar com o *andôr* por o santo quer... fumar!

Sim, senti-me alegre como pouca vezes o sou, porque palestrei com o tenente Lima e com o José Vaz e outros cidadãos respeitaveis, misturei-me com um bando de meninas dignas, e, por fim, em companhia dos meus collegas, fui bater à casa do Andrade, lugar em que fizemos um *lunch* de arromba!

Ahi a rapaziada deitou discurso a valer, elevando a generosi-

dade que é peculiar àquelle povo.

Elle, o Andrade, mostrou-se nos cavalheiro franco; em summa: foi caixeiro e sabia que caixeiros eram esses que lhe bateram à porta.

Que bello moço e que boa gente.

Crê, director, foi tal o grão de entusiasmo que encheu-me o cerebro e corroborou-me a alma, que até cheguei a ponto de esquecer-me de... namorar!

E no entanto tinha ali meninas *chics* como as mais *chics* d'aquí, e fascinantes como as... libras stérlinas!

Foi essa a primeira vez que ali fui, mas jurei a mim mesmo não ser a ultima, salvo o caso de apparecer-me breve a mais aggravante das circumstancias, o maior dos disabores, por que pôde passar a minha vida: — a morte.

Director, tu e os teus botões hão de dizer: com seiscentas mil bombas e um milhão duzentos mil canhões, queremos saber qual o modo por que se realisou a festa, porque é de festa que se trata.

Pois bem: calem-se tu e os botões e ouçam-me:

No centro de uma pequena área, onde acha-se erecta uma cruz, que por sua vez estava cercada de muitas filas de bancos, via-se reunido numero superior a quinhentas pessoas, entre as quaes mostravam-se dezenas de bellezas e sympathias todas perfectas, todas completas.

Note-se: quando fallo em belleza e sympathya, alludo às moças, e não a *marmanhos* como nós.

Eram approximadamente nove horas da noite, quando o estrondamento de algumas girandolas, annunciou o começo do terço, que se fez ouvir sob a influencia de uma creança essencialmente religiosa.

Pondo á margem algumas gargalhadas semsaboricas e extemporaneas que partiam das pessoas reconhecidamente imprudentes que ali estavam, confesso seriamente que não notei a menor inconveniencia n'essa festa da religião e do povo.

CORNELIUS.

(Continúa)